

MERGULHANDO NOS RIOS DO COTIDIANO: ESCOLA E CULTURA NA VIDA DOS JOVENS DE UMA COMUNIDADE RIBEIRINHA NO AMAZONAS.

Claudio Gomes da Victoria – Grupo Violar -Faculdade de Educação/Unicamp.

“O cotidiano é aquilo que nos é dado cada dia(ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão do presente. Todo dia, pela manhã, aquilo que assumimos, ao despertar, é o peso da vida, a dificuldade de viver, ou de viver nesta ou noutra condição, com esta fadiga, com este desejo. O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior. É uma história a meio-caminho de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velada. [...]è um mundo que amamos profundamente, memória olfativa, memória dos lugares da infância, memória do corpo, dos gestos da infância, dos prazeres.[...] O que interessa ao historiador do cotidiano é o invisível...” (CERTEAU, 1996 p.31).

Falar do cotidiano é falar de relações que se constroem nas tramas do dia a dia e se materializam enquanto instrumento de identidade de determinado grupo social. Mais do que ressaltar os fazeres que marcam nossas dinâmicas pessoais e coletivas do dia a dia, como nossas rotinas e andanças, o cotidiano nos aponta para uma perspectiva de reflexão sobre as concepções que emergem dessas rotinas, onde novos pontos de vista se abrem e novos conhecimentos históricos são produzidos. Neste sentido, Pais (2001) enfatiza que

[...] o cotidiano não é apenas o espaço de realização de atividades repetitivas: é também um lugar de inovação. A vida cotidiana não é apenas feita de rebotalho. A própria recusa do cotidiano (a festa, as viagens, as férias...) é a sua reorganização e transformação. O cotidiano banal, trivial, repetitivo, faz parte de um outro cotidiano (p.78).

Um outro cotidiano que se apresenta na maioria das vezes como algo banal, sem importância, mas, que é capaz de revelar o extraordinário nas múltiplas faces da vida, e nesse processo “*deve ser tomado como fio condutor do conhecimento da sociedade*”(PAIS, 2001 p. 74,).

Ao entramos em contato com o dia a dia de uma comunidade ribeirinha no Amazonas, por exemplo, poderemos descobrir o quanto as ações ali desenvolvidas pelos agentes sociais dessa trama, se constituem enquanto um conhecimento produzido a cerca das diferentes formas de perceber e construir a vida, mas esse nem sempre é um conhecimento que ganha o devido valor, adquirindo na maioria das vezes status de insignificante. Um “insignificante” que nos revela as identidades desse povo, desse lugar.

O cotidiano nos aponta para uma imersão em um rio repleto de possibilidades e, portanto de redes que se conectam nas mais diversas tessituras do fazer diário. Onde novas perspectivas de produção de conhecimento brotam de tais redes e nos revelam outras formas de pensar, ver e fazer o mundo na relação com a vida e que de certa forma tem nos possibilitado “*pensar o cotidiano enquanto redes de **fazeressaberes**¹ tecidas pelos sujeitos cotidianos*” (FERRAÇO, 2007 p. 07).

Pensar a pesquisa em relação ao cotidiano vai além de um olhar externo sobre o cotidiano, se faz necessário pensar uma pesquisa *nos/dos/com os cotidianos* (ALVEZ, 2010) na perspectiva de que é preciso entranhar-se nos cotidianos e neles e com eles construir algumas possíveis reflexões a partir das relações dos sujeitos desse cotidiano. Seguindo nessa perspectiva, assim com Ferraço (2007),

[...] assumimos que qualquer tentativa de análise, discussão, pesquisa ou estudo com o cotidiano só se legitima, só se sustenta enquanto possibilidade de algo pertinente, algo que tem sentido para a vida cotidiana, se acontecer com as pessoas que praticam esse cotidiano e, sobretudo, a partir das questões e/ou temas que se colocam como pertinentes às redes cotidianas. Isto posto, precisamos considerar então que os sujeitos cotidianos, mais do que objetos de nossas análises são, de fato, também protagonistas, também autores de nossas pesquisas (p.8).

As mais diversas interações que constituem o cotidiano, nas suas entranhas, nos revelam o poder das relações sociais e culturais que marcam o dinamismo de determinados povos, grupos, etnias, etc e que na maioria das vezes se encontram camufladas no terreno fértil da várzea alagada e só nos propiciará um farto plantio, quando a água do rio baixar, revelando o poder das múltiplas vidas ali gestadas nos traços cotidianos da esperança de quem se deixa levar pelo tempo. “*A terra é boa, tudo o que a gente planta vinga, a gente não tem precisão de comprá adubo, né, aqui a gente tem o pau (restos de árvores, adubo orgânico) e a enchente pra terra ficar mais rica*”² (FRAXE, p. 167, 2000). É nessa interação com o multifacetado que se dá a descoberta do cotidiano e os conhecimentos produzidos pelos protagonistas desse processo. O cotidiano é feito de silêncio, de gritos, sons, cheiros, gestos, atitudes e tantos outros sinais que na maioria das vezes se encontram em baixo dos *escombros da história* como nos alertou Benjamim, sendo esmagados pela história dos vencedores, a história dos que detêm o poder e o “conhecimento”. Nossa tarefa ao mergulhar no cotidiano é a de “*escovar a história a contrapelo*” (BENJAMIM, 1987 p. 225,).

¹ Grifo do autor.

² Relato do Sr Erasmo, de Coari, Médio Solimões/AM, extraído do livro Homens Anfíbio de autoria de Terezinha Fraxe.

Os sujeitos que protagonizam as ações do cotidiano, revelando as tessituras desse espaço sócio cultural, são os personagens que possibilitam ao pesquisador, adentrar na floresta, com o propósito de caçar os alimentos que darão sustância às respostas dos problemas advindos das inquietações e questionamentos sobre o campo de pesquisa, ou seja, sobre o cotidiano. Os filósofos Gilles Deleuze e Félix Guattari no livro *O que é filosofia?* apresentam-nos a figura do personagem conceitual, enquanto aquele que tem o papel de “*manifestar os territórios, desterritorializações e reterritorializações absolutas do pensamento*”, no processo de criação de conceitos³. De tal forma aproximamos-nos dessa percepção para afirmar a posição dos sujeitos do cotidiano enquanto “personagens conceituais” que alimentam e dão direcionamento às nossas reflexões sobre o cotidiano, contribuindo para a construção de um conhecimento, num dado momento histórico, a partir de uma dada percepção do mundo.

Pais (2003) ao questionar o que se passa no cotidiano, destaca que:

O cotidiano – costuma dizer-se – é o que se passa todo dia: no cotidiano nada se passa que fuja à ordem da rotina e da monotonia. Então o cotidiano seria o que no dia a dia se passa quando nada se parece passar. Mas só interrogando as modalidades que caracterizam ou representam a vida passante do cotidiano – nos damos conta de que é nos aspectos frívolos e anódinos da vida social, no “nada de novo” do cotidiano, que encontramos condições e possibilidades de resistência que alimentam a sua própria rotura (p.28).

E ainda aponta que, “*o verdadeiro desafio que se coloca à sociologia do cotidiano é o de revelar a vida social na textura ou na espuma da “aparente” rotina de todos os dias, como a imagem latente de uma película fotográfica*” (Idem). O trabalho com o cotidiano, aproximando-nos da perspectiva etnográfica nos lança o desafio de na inserção nos cotidianos da vida revelar o oculto, ou o de desnaturalizar o natural e vice e versa.

A história está em nós, está nas múltiplas possibilidades do cotidiano, que se inunda de humanidade num processo sinestésico, onde o corpo se manifesta nas mais diversas formas de dizer o mundo. O mundo que se diz através dos gestos, olhares e vozes que marcam a experiência da cotidianidade através das vivências por nós, construídas na relação com o meio social.

Walter Benjamin ao trazer para nós suas memórias do tempo de sua infância em Berlin, no revela algumas faces de um cotidiano carregado de conhecimentos sobre a vida que nos apontam para as diversas maneiras de ver e ouvir o dia a dia. Como por exemplo, na narrativa do telefone, na qual nos convida a refletir sobre os impactos que esse aparelho

³ Deleuze e Guattari apontam que o papel da filosofia é criar conceitos.

causou no cotidiano das pessoas, e como essa experiência marca uma vida e, por conseguinte a rotina de um menino vivendo em Berlin por volta de 1900.

“Não muitos dos que hoje dele se utilizam sabem dos estragos que, outrora, seu aparecimento causou no seio das famílias. O barulho com que soava entre as duas e as quatro da tarde, quando um colega de classe ainda queria falar comigo, era um sinal de alarme que perturbava não só a sesta de meus pais, mas também a época da história universal, no curso da qual adormeceram.” (BENJAMIN, 1987, p. 79)

A marca desse cotidiano vivenciado por Benjamin na sua infância assinala para a produção de um conhecimento acerca dos sinais da modernidade em nossas vidas e que tem como ponto de partida as relações com o cotidiano.

Assim, as histórias, mitos e lendas que constituem o viver dos homens e das mulheres amazônidas⁴, nos saltam, tais como peixes na piracema, para marcar um tempo. O tempo de mudanças a partir de um ciclo que se repete.

Comunidade Ribeirinha na Amazônia: aproximações de um rio/cotidiano que comanda a vida.

Entrar no universo do imaginário que compõe a cultura amazônica é sem dúvidas uma jornada que nos remete ao encontro de um significado de vivência e de construção social peculiar, dinamizada pela interação com a natureza e por tudo que dela se expressa.

O rio apresenta-se como o condutor do cotidiano, o senhor do tempo que emerge das pulsações da vida, das lágrimas que geram caminhos incertos no encontro com a humanidade presente às suas margens. A partir desse elemento, a água, é que nascem as comunidades ribeirinhas da Amazônia, com sua heterogeneidade, multiplicidade e particularidade. [...] “o homem e o rio são os dois mais ativos agentes da geografia humana na Amazônia. O rio enchendo a vida do homem de motivações psicológicas, o rio imprimindo à sociedade rumos e tendências, criando tipos característicos na vida regional” (TOCANTINS, 1988, p. 233).

Caracterizadas geograficamente, como este espaço, onde grupos de famílias se reúnem em torno de atividades e interesses pautados nas relações cotidianas, as comunidades ribeirinhas da Amazônia expressam a singularidade dos modos de relação do homem com a natureza, muitas das vezes vistas através das lentes do exótico e que sem dúvidas fazem parte desse universo, mas não explicam as relações ali vividas, que apresentam outras vivências que caracterizam a cultura de uma comunidade ribeirinha na Amazônia.

Wagley (1988) destaca que:

⁴ Termo comumente utilizado na região amazônica para definir os habitantes da região.

Nas comunidades existem relações humanas de indivíduo para indivíduo, e nelas, todos os dias, as pessoas estão sujeitas ao preconceito de sua cultura. É nas suas comunidades que os habitantes de uma região ganham a vida, educam os filhos, levam uma vida familiar, agrupam-se em associações, adoram seus deuses, têm suas superstições e seus tabus e são movidos pelos valores e incentivos de suas determinadas culturas. Na comunidade a economia, a religião, a política e outros aspectos de uma cultura parecem interligados e formam parte de um sistema geral de cultura, tal como o são na realidade. Todas as comunidades de uma área compartilham a herança cultural da região e cada uma delas é uma manifestação local das possíveis interpretações de padrões e instituições regionais (p.44).

Nessa reflexão, trazemos uma compreensão de que uma comunidade ribeirinha é, dentro da realidade amazônica, uma comunidade que nasce e se desenvolve a beira dos rios e lagos que, por sua vez, comandam o cotidiano de homens e mulheres, que pautam suas vivências culturais e sociais, principalmente na relação com o rio. Ou seja, o dia-a-dia dessas comunidades, se guia por essa relação direta e imbricada com o rio, sendo a imagem deste “associada à alimentação, ao transporte, ao lazer, à higiene, ao trabalho e às condições naturais e de vida” (OLIVEIRA; MOTA NETO, 2004, p. 59).

As populações que habitam o interior do Amazonas, em comunidades formadas às margens dos rios, lagos e igarapés, que formam esse imenso universo das águas, foram sendo constituídas através da junção cultural de índio, imigrantes, nordestinos, e negros, contribuindo para a diversidade cultural que compõe o cenário cultural da Amazônia. “Quando se fala de identidade das populações amazônicas, inevitavelmente a imagem do ribeirinho é lembrada como uma espécie de personificação daquilo que se considera como mais típico da cultura regional” (CRUZ, 2008, p. 49).

Chaves (2001) destaca que:

No decorrer dos diversos ciclos de ocupação da região amazônica, delineou-se um efetivo processo de miscigenação entre grupos sociais tradicionais e migrantes que teve início com a própria colonização da região. Ao longo da história, esse processo foi incrementado pelo encontro entre as diferentes correntes imigratórias que convergiram para a região, e destas com as populações nativas, podendo ser apontado como um dos fatores que impulsionaram a emergência da diversidade cultural que predomina na vigência de modalidades diferenciadas de uso dos recursos naturais e de identidades sociais particulares. Na região, cada grupo social apresenta sob uma identidade social e política próprias (p.03).

De tal modo, podemos dizer que a formação cultural da região amazônica apresenta traços diversos que se delineiam a partir das vivências próprias de cada grupo e sua interação com o meio.

Chaves e Silva (2007) enfatizam que:

As comunidades ribeirinhas que habitam as margens dos rios e seus tributários na região, agentes de direitos sociais, possuem modos de vida distintos das sociedades urbanas, visto que vivem sob a influência mútua dos ciclos da natureza, contrariando a lógica de acumulação, caracterizando uma organização sócio-econômica particular que visa a manutenção e reprodução dos grupos familiares que se articulam com outras dimensões da vida em comunidade (p. 10).

São diferenças no modo de ser e viver, em uma realidade marcada pela dimensão do viver em comunidade, onde se constroem laços e traços próprios de convívio com o meio, na relação homem – natureza e dos homens entre si.

Fraxe (2004) acentua que

[...] No ambiente rural, especificamente ribeirinho, a cultura mantém sua expressão mais tradicional, mais ligada à conservação dos valores decorrentes de sua história. A cultura está mergulhada num ambiente onde predomina a transmissão oralizada. Ela reflete de forma predominante a relação do homem com a natureza e se apresenta imersa numa atmosfera em que o imaginário privilegia o sentido estético dessa realidade cultural. Nesse sentido, a relação do caboclo ribeirinho com a água que atravessa seu cotidiano se torna de importância vital para a compreensão desse homem e do universo que o habita (p. 296).

Algumas características são bem marcantes nesse universo denominado comunidade ribeirinha e que mesmo diante das múltiplas formas de ser comunidade apresentam uma forma de peculiar de organização espacial, onde

Tradicionalmente, a paisagem comunitária é formada por um conjunto de aproximadamente trinta e quarenta unidades residenciais, distribuídas ao longo das margens das águas, algumas agrupadas, outras mais dispersas, isoladas entre si. As residências são feitas de madeira e cobertas por telhas de alumínio ou amianto; poucas são as que ainda são cobertas por palha. Há uma área de uso comum, onde se localizam uma igreja, uma escola de Ensino Fundamental, um campo de futebol e um chapéu de palha ou sede comunitária para reuniões e festividades. [...] Algumas comunidades também possuem uma área de uso comum para a produção de roças, viveiros ou criação de animais (FERRAZ 2010, p. 30).

Pensar o espaço de uma comunidade ribeirinha na Amazônia, significa superar algumas visões estereotipadas acerca dos significados do que é viver essa múltipla identidade, marcada por diversos aspectos, que vão desde a relação imbricada com a natureza à construção diária da vida nas práticas do cotidiano.

Cultura: Um ajuri⁵ nas práticas do cotidiano

A Amazônia nos remete a um universo construído pelos indígenas e demais moradores da região, que nos impulsiona a novas descobertas, no sentido de trazer à tona algumas reflexões acerca das relações humanas e as contradições de um mundo repleto de

⁵ Mutirão amazônico, no qual as pessoas da comunidade se reúnem, para juntas realizarem um plantio, uma colheita, uma limpeza, uma construção, em prol de um membro da comunidade.

desafios postos no dia a dia de quem se dispõe a problematizar a vida em seus múltiplos sentidos.

As contradições geradas no ventre de uma sociedade que se obriga cada vez mais a dividir, individualizar, e consumir em nome de uma necessidade de “ser alguém”⁶, impulsiona-nos a entender os processos dinâmicos da cultura, enquanto algo intrínseco da construção social de um determinado grupo ou povo.

A cultura como algo mutável que, nesse processo de descamação, não perde o sentido construído por aqueles que a sustentam nas trilhas do cotidiano. Mesmo depois de anos, “[...] *Não há nesses rios e terras da Amazônia quem ignore a vida da Cobra Norato. São aventuras e batalhas. Canoeiros, batendo a jacumã, apontam os cantos, indicando as paragens inesquecidas: Ali passava, todo o dia, a Cobra Norato...*”⁷ Os sentidos podem até serem os mesmos, mas, as relações são outras. As lendas, os rios, os mitos, a floresta e os povos que ela habita, são elementos da cultura amazônica, mas, por si só não são a cultura amazônica. Parece difícil entender esse processo, e realmente o é. Nesse sentido, adentramos no barco chamado cultura, para tentar melhor compreender os caminhos desse rio, com suas múltiplas facetas e seus mistérios.

Abordar a temática da cultura é sempre um desafio, visto que são varias as concepções e entendimentos acerca das definições do que é cultura. Um terreno complicado de se pisar, um rio cheio de obstáculos que ora apresenta-se calmo e tranquilo, mas que, por vezes, se agita e causa temor e espanto. Porém, esse é um rio no qual se faz necessário mergulhar quando nos propomos a entender e refletir sobre os aspectos do cotidiano de um determinado grupo, percebendo suas diferenças e processos educativos, constituídos através da sua cultura, entendendo também que nosso papel aqui é delinear alguns caminhos apontando para a nossa ideia de cultura.

Embora, alguns autores abordem aspectos da evolução desse conceito, é necessário considerar algumas nuances desse processo, compreendendo a construção do referido conceito a partir de um embate dinâmico dado na arena das relações sociais, ou seja, como algo produzido no interior dessas relações.

⁶ Nesse sentido, nos aproximamos das reflexões de Christoph Türcke, apresentadas no seu livro “Sociedade Excitada – filosofia da sensação”, que destaca: *Nós estamos acostumados a entender o “alguém” e o “ninguém” nesse contexto metaforicamente. Ser alguém equivale a ser levado em consideração, respeitado, tratado com reverência. É assim que desde sempre se lidou com os detentores de poder, de altos cargos e dignitários. Seu contrário eram os subordinados, os serviços e laicos.* (p. 41)

⁷ Trecho da lenda da Cobra Norato.

Stuart Hall (1997) em seu texto: “A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo” nos auxilia a entender melhor algumas questões que colocam a cultura no centro do debate das ciências sociais.

Porque a cultura se encontra no centro de tantas discussões e debates, no presente momento? Em certo sentido, a cultura sempre foi importante. As ciências humanas e sociais há muito reconhecem isso. Nas humanidades, o estudo das linguagens, a literatura, as artes, as ideias filosóficas, os sistemas de crença morais e religiosos, constituíram o conteúdo fundamental, embora a ideia de que tudo isso compusesse um conjunto diferenciado de significados – uma cultura – não foi uma ideia tão comum como poderíamos supor. Nas ciências sociais, em particular na sociologia, o que se considera diferenciador da “ação social” – como um comportamento que é distinto daquele que é parte da programação genética, biológica ou instintiva – é que ela requer e é relevante para o significado. Os seres humanos são seres interpretativos, instituidores de sentido. A ação social é significativa tanto para aqueles que a praticam quanto para os que a observam: não em si mesma, mas em razão dos muitos e variados sistemas de significado que os seres humanos utilizam para definir o que significam as coisas e para codificar, organizar e regular sua conduta uns em relação aos outros. Estes sistemas ou códigos de significado dão sentido às nossas ações. Eles nos permitem interpretar significativamente as ações alheias. Tomados em seu conjunto, eles constituem nossas “culturas”. Contribuem para assegurar que toda ação social é “cultural”, que todas as práticas sociais expressam ou comunicam um significado e, neste sentido, são práticas de significação (p.01).

Segundo nas trilhas dessa discussão, apontamos para um entendimento sobre cultura, desligado de um conceito restrito e fechado, apontando para uma dimensão imbricada nas relações sociais construídas no cotidiano.

Alguns autores, como o italiano Antonio Gramsci, ao refletirem sobre o conceito de cultura iniciam uma nova tomada de postura, descolando o conceito, da dimensão elitista, enquanto algo pertencente a um determinado grupo social e alargando o horizonte para uma compreensão que se materializa nas relações cotidianas. Nesse sentido, o autor, segundo nos relata Viera (1999)

[...] afirma o conceito de cultura em duas direções: de um lado, a cultura significa o modo de viver, de pensar e de sentir a realidade por parte de uma civilização e, em segundo lugar, é concebida como projeto de formação do indivíduo, como ideal educativo a ser transmitido para as novas gerações. Os dois significados do termo em Gramsci não constituem inovações do ponto de vista semiológico, pois, já entre os gregos e os latinos, as palavras *Paidéia* e *humanistas* assumiam essas significações. A meu ver, o que podemos destacar inicialmente, no uso gramsciano do termo, é a compreensão unitária dos dois significados, ou seja, cultura significa um modo de viver que se produz e se reproduz por meio de um projeto de formação (p.61).

Ou seja, cultura enquanto [...] “*um processo de formação que corresponde a um modo de vida que tem sua afirmação societária na luta entre os diversos projetos políticos que visam à direção da sociedade*” (VIEIRA, op. cit., p.64).

Caminhando no sentido de reconstruir ou dar novos significados à palavra cultura, vamos trilhando alguns caminhos que nos permitem dizer algo a mais sobre o processo de reflexão em torno das problematizações das construções dos sentidos de cultura para a nossa sociedade.

Assim, trazemos a ideia de cultura não apenas como algo estático, isolado, interpretada somente manifestação artística ou associada a estudo, educação, formação, na medida em que esse tipo de interpretação vem contribuir para a não aceitação de outras manifestações e interações vividas pelos indivíduos no dia-a-dia, que também se expressam como dimensão da cultura. Assim, cultura deve ser vista e entendida como sendo “uma dimensão do processo social, da vida de uma sociedade” (SANTOS, 1995, p.44), sendo, “portanto, esfera de lutas, de diferenças, de relações de poder desiguais” (MOREIRA, 1998, p. 25).

Como pondera Santos (1996)

Cultura é uma construção histórica, seja como concepção, seja como dimensão do processo social. Ou seja, a cultura não é algo natural, não é uma decorrência de leis físicas ou biológicas. Ao contrário, a cultura é um produto coletivo da vida humana. Isso se aplica não apenas à percepção da cultura, mas também à sua relevância, à importância que passa a ter. Aplica-se ao conteúdo de cada cultura particular, produto da história de cada sociedade. Cultura é um território bem atual das lutas sociais por um destino melhor. É uma realidade e uma concepção que precisam ser apropriadas em favor da luta contra a exploração de uma parte da sociedade por outra, em favor da superação da opressão e da desigualdade (p.45)

Cultura é relação social, construída no embate permanente, no qual diferentes concepções de mundo, de vida, de homem, e de sociedade são postas na arena do jogo das diferenças enquanto que a prevalência de uma concepção sobre a outra determina a imposição para a sociedade de um único sentido de cultura.

Apoiando-nos no pensamento de Canclini (2007), afirmamos que:

Ao conceituar a cultura deste modo, estamos dizendo que a cultura não é apenas um conjunto de obras de arte ou de livros e muito menos uma soma de objetos materiais carregados de signos e símbolos. A cultura apresenta-se como *processos sociais*, e parte da dificuldade de falar dela deriva do fato de que se produz, circula e se consome na história social. Não é algo que apareça sempre da mesma maneira [...] (p.41).

Raymond Williams (1992) ao elaborar uma discussão acerca do sentido do termo cultura aponta para duas vertentes de compreensão da construção do significado de cultura, segundo o próprio autor, frequentemente classificadas como: a) idealista e b) materialista.

Cada uma dessas posições implica um método amplo: em a), ilustração e elucidação do ‘espírito formador’, como nas histórias nacionais de estilo de arte e tipos de trabalho intelectual que manifestam, relativamente a outras instituições e atividades, os interesses e valores essenciais de um ‘povo’; em (b), investigação desde o caráter conhecido ou verificável de uma ordem social geral até as formas específicas assumidas por suas manifestações culturais (p.12).

Mas o autor destaca que outra posição veio sendo construída, no sentido de dar novos contornos ao sentido de cultura, “encarando-a como sistema de significações mediante o qual necessariamente (se bem que entre outros meios) uma dada ordem social é comunicada, reproduzida, vivenciada e estudada” (WILLIAMS, 1992, p. 13).

Cultura não é tudo, mas também não é quase nada nem tão pouco limitada. Culturas são culturas, é diversidade, é diferença, e só é possível compreender essa dinâmica, quando nos permitimos adentrar nesse oceano, que se constitui para nós como sendo o arcabouço teórico e prático da construção do significado de cultura.

Sem dúvida, essa é uma discussão que não se esgota aqui e nossa pretensão nem é essa afinal este é um posicionamento, é uma visão dentre tantas outras a cerca do entendimento sobre cultura. Mas, esse é o posicionamento que para nós melhor se coloca diante do desafio de entender, refletir e problematizar as relações sociais que são culturais e que, portanto, fazem parte da complexa teia que se tece na trama do cotidiano da humanidade.

Embarcando no universo multifacetado da juventude: algumas aproximações iniciais.

Muitas tem sido nos últimos anos, a discussão em torno das questões da juventude no Brasil. Pesquisa, textos e livros que apontam para as mais diversas perspectivas de leituras sobre os sentidos de ser jovem nos espaços urbanos, nos espaços rurais, na escola, nas ONGs, nas ruas e muitos outros lugares.

Muito mais do que uma definição marcada pela faixa etária, que para o IBGE vai dos 14 aos 24 ou ainda para o Estatuto da Juventude, em tramitação no Senado Federal, que vai de 14 a 29, o termo juventude se define pela sua inserção nos diferentes espaços sociais e culturais nos quais ele se apresenta.

Abramovay e Esteves (2007, p. 21) destacam que:

A realidade social demonstra (...) que não existe somente um tipo de juventude, mas grupos juvenis que constituem um conjunto heterogêneo, com diferentes parcelas de oportunidades, dificuldades, facilidades e poder nas sociedades. Nesse sentido, a juventude, por definição, é uma construção social, ou seja, a produção de uma determinada sociedade originada a partir das múltiplas formas como ela vê os jovens, produção na qual se conjugam, entre outros fatores, estereótipos, momentos históricos, múltiplas referências, além de diferentes e diversificadas situações de classe, gênero, etnia, grupo etc.

Muito mais do que uma fase ou período da vida a juventude é aqui encarada enquanto produto e produtora de conhecimento, um conhecimento que se faz na vida do cotidiano, expresso nos modos de vida desses sujeitos. Um sentido de juventude que agrega os valores de uma cultura capitalista e seus fetiches, que se insere nos processos de um mundo globalizado e compartimentado, mas que produz um sentido de vida que se apresenta como novo nas rupturas e brechas dessa “modernidade capitalista” (BENJAMIN).

O ser jovem se dinamiza nesse espaço tempo de uma faixa etária, mas se afirma nas múltiplas experiências das culturas vividas no cotidiano. Os sentidos são diversos e apresentam suas marcas nas relações e interações dos indivíduos com o meio no qual vivem. Seja para a cultura Sateré Mawé, onde o menino passa pelo ritual da Tucandeira para ser aprovado como um jovem guerreiro e assim ser considerado apto a assumir suas funções na aldeia; seja para as meninas da etnia Tikuna que ao apresentarem a primeira menstruação passam pelo ritual da moça nova⁸; a experiência da juventude não se apresenta com um fato isolado e determinado somente pelo tempo cronológico, ela se dá na interação com o tempo vivido e que nos caracteriza enquanto jovem, homem, mulher, criança, adulto, idoso nas mais diversas culturas que compõem a humanidade.

Nesse sentido, inúmeras podem ser as questões sobre esse tempo/vivido e construídos nas relações sócio culturais, com sua diversidade, multiplicidade, e que apontam para os sentidos de ser jovem, não havendo uma definição única sobre o que é juventude.

Dentre as tantas pesquisas realizadas no Brasil sobre juventude, algumas se destacam ao abordar a temática voltada para o meio rural (ainda que mais voltadas para a dimensão rural do campo na perspectiva do MST) e seus campos de possibilidades, como as comunidades ribeirinhas da Amazônia.

⁸ Neste ritual, a moça tem o corpo pintado de preto e em seguida as mulheres da aldeia arrancam os cabelos da cabeça da menina com as mãos e os jogam no rio representando uma passagem. Após esse ritual a menina fica isolada por aproximadamente três meses, período no qual lhe são passados alguns valores da mulher Tikuna.

Portanto nosso propósito é nos aproximarmos desse rio e nele nos deixarmos levar pelo banzeiro cotidiano dos sentidos de ser jovem em uma comunidade ribeirinha no Amazonas. Que é claro ganha muitos outros contornos e se fundamenta em outros aspectos com base nas relações sociais e culturais ali construídas e vivenciadas.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam; ESTEVES, Luiz Carlos Gil. Juventude, juventudes: pelos outros e por elas mesmas. In.: ABRAMOVAY, Miriam; ESTEVES, Luiz Carlos Gil ANDRADE, Eliane Ribeiro (Orgs). **Juventudes: outros olhares sobre a diversidade**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; UNESCO, 2007.

ALVES, Nilda. Sobre as razões das pesquisas nos/dos/com os cotidianos. In.: GARCIA, Regina Leite (Org.). **Diálogos Cotidianos**. Petrópolis, RJ: DPetAlii; Rio de Janeiro: FAPERJ, 2010.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas. Vol. 1**. Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1987.

_____ **Obras escolhidas. Vol. 2**. Rua de mão única. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CANCLINI, Néstor García. **Diferentes, Desiguais e Desconectados**. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007.

CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano: 2 – Morar, cozinhar**. Petrópolis – RJ: Vozes, 1996.

CHAVES, Maria do Perpétuo Socorro Rodrigues. **Uma experiência de pesquisa-ação para gestão comunitária de tecnologias apropriadas na Amazônia: o estudo de caso do assentamento da reforma agrária Iporá**. Tese (doutorado) Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências. Campinas, SP, 2001.

CHAVES, Maria do Perpétuo Socorro; SILVA, Elane Cristina da. **Exclusão Social na Amazônia**. (texto digitado). 2007

CRUZ, Valter do Carmo. O rio com espaço de referencia identitária: reflexões sobre a identidade ribeirinha na Amazônia. In.: TRINDADE JUNIOR, Saint-Clair Cordeiro da; TAVARES, Maria Goretti da Costa. **Cidades ribeirinhas na Amazônia: mudanças e permanências**. Belém: EDUFPA 2008.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

FERRAÇO, Carlos Eduardo. Pesquisa com o cotidiano. **Educação e Sociedade**. vol.28 no. 98 Campinas Jan./Abr. 2007 disponível em: www.cedes.unicamp.br

FERRAZ, Lidia Rochedo. **O Cotidiano de uma escola rural ribeirinha na Amazônia: práticas em saberes na relação escola-comunidade**. Tese (doutorado) Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras de Ribeirão Preto/USP. Ribeirão Preto – SP, 2010.

FRAXE, Therezinha J.P. **Cultura Cabocla-Ribeirinha: mitos, lendas e transculturalidade**. São Paulo: Annablume, 2004.

_____. **Homens Anfíbios: etnografia de um campesinato das águas**. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto do Governo do Estado do Ceará, 2000.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 22, n.º2, p. 15-46, jul./dez. 1997.

MOREIRA, Antônio Flávio. **Multiculturalismo, currículo e formação de professores**. In: Anais do IX ENDIPE. Águas de Lindóia/SP, 1998.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de; MOTA NETO, João Colares da. Saberes da terra, da mata e das águas, saberes culturais e educação. In.: OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. **Cartografias Ribeirinhas: Saberes e representações sobre práticas sociais cotidianas de alfabetizando amazônidas**. Belém: CCSE-UEPA, 2004 (Coleção saberes amazônicos – n.º 1).

PAIS, Jose Machado. **Vida cotidiana: enigmas e revelações**. São Paulo, SP: Cortez, 2003.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma pedagogia do conflito. In: SILVA, Luiz Heron; AZEVEDO, José Clóvis de; SANTOS, Edimilson Santos dos. **Novos mapas culturais, novas perspectivas educacionais**. Porto Alegre: Sulina, 1996.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1995. (Coleção primeiros passos; 110)

SOUZA, João Francisco de. **Atualidade de Paulo Freire: debate sobre a educação na diversidade cultural**. São Paulo: Cortez, 2002. (Biblioteca freiriana; v.3)

TOCANTINS, Leandro. **O rio comanda a vida: uma interpretação da Amazônia**. Rio de Janeiro: Record, 1988.

VIEIRA, Carlos Eduardo. Cultura e Formação Humana no Pensamento de Antônio Gramsci. **Educação e Pesquisa**, v. 25, n. 1, p. 51-66, jan./junho. São Paulo, 1999.

WAGLEY, Charles. **Uma comunidade amazônica: estudo do homem nos trópicos**. 3ª edição. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.